

JORNAL  
DO  
CONSERVATORIO.

N.º 13) Publica-se todos os Domingos. ( Março. 1, 1840.

JORNAL DO CONSERVATORIO.

PARERER

SOBRE O DRAMA O RENEGADO

○ Drama = O Renegado = que se diz — Original portuguez — tem tão pouco de original como de portuguez. O auctor retalhou o Romance do Visconde d'Arlinecourt, que corre com este mesmo titulo, e, cirzindo os retalhos que lhe approuvera fazer, organizou isso que denomina Drama original, porém que falto de vida, e por conseguinte de acção e de movimento, não é verdadeiramente senão uma narração posta em dialogo. Onde está pois a originalidade? — Mas tão pouco é portuguez, porque nem o assumpto é portuguez, nem portugueza é a linguagem.

Uma breve reflexão evidenciará a proposição enunciada. O auctor copiou seguidamente os trechos do Romance d'Arlinecourt, que julgou convirem-lhe para o seu intento; e que, se alguma vez alterou, não foi para melhora-los; e, ainda não contente, copiou-os, não do original, mas textualmente da traducção que daquelle Romance fez e publicou Antonio Vicente de C. e Sousa. E ha hí quem ignore que este traductor, tão fertil quão pouco aprimorado, é um desses chamados litteratos a quem cabe de um modo todo particular a fundada imputação de viciador da linguagem portugueza? — pois todos os defeitos, tantos e tão graves, de que vão inçadas as traducções de Antonio Vicente, acham-se transplantados para este Drama.

Porém, á parte observações geraes, importa considerar o Drama — O Renegado — mais de perto.

Está o Drama dividido em 3 Actos, e 9 Quadros. — No 1.º Acto, que comprehende 3

Quadros, nada se encontra digno de especiliar-se com louvor. A desposição é somenos, e a introdução de Gondair, no 2.º Quadro, por mal preparada, não só não surprehende o expectador, mas antes o mortifica por que vê este desde logo que o A. ou não quiz, ou não soube prender-lhe a attenção, e excitar-lhe a curiosidade. Gondair é um propheta de trivialidades, e o A. deixou de tirar desta personagem, que aliás se prestava para muito, o ventajoso resultado, que ella lhe proporcionava. — O dialogo é constantemente frouxo e penoso. O estillo carece de propriedade. A linguagem quasi sempre é franceza, e não é raro o gallicismo intoleravel em que se tropeça. — Como os expectadores, por assim dizer, nada vêem, e apenas ouvem largas historias que inspidamente lhes são contadas não póde senão toma-los o enfado. Adormecerão sem falta, por que não ha agulhão que os estimulle. — Em fim quanto ha de notavel no 1.º Acto acha-se, na maxima parte pelas mesmas palavras, na citada traducção do Romance d'Arlinecourt. de pag. 15 — 19, de pag. 25 — 26, de pag. 32 — 33, de pag. 36 — 46, de pag. 123 — 132.

○ que fica observado á cerca do 1.º Acto, pode applicar-se a cada um dos dous que o seguem, sem receio de injuria.

No 2.º Acto [Quadros 4.º, 5.º, e 6.º] ha para notar que as Scenas 2.ª e 5.ª do Quadro 4.º, que offerecem algum interesse, são fielmente, como se vê do referido Romance a pag. 103 — 104, e pag. 106 — 117. — São igualmente copiadas as Scenas 1.ª, 3.ª, 4.ª, e 6.ª do Quadro 5.º, sendo aliás para sentir que a Scena 3.ª não esteja assás calculada, por que de contrario deveria produzir algum effeito dramatico. As pag. da traducção do Romance donde o A. trasladou correm de 172 — 174, de 176 — 177, de 178 — 189, e de 195 — 196. — As Scenas 1.ª e 2.ª do Quadro 6.º são puramente de encher, e, se acaso houvessem de ser aproveitadas, não seria assás reduzi-las a uma só: essa mesma precisaria de ser alterada. — A Scena 3.ª, digna de attenção em Arlinecourt de pag. 169 — 171, aqui por

solta e inconexa, nada vale. — A Scena 5.<sup>a</sup> é copia de pag. 208 — 210.

Terceiro Acto. No Quadro 7.<sup>o</sup> sobeja observar que tudo é commum, sendo a Scena 6.<sup>a</sup> devida ao que se lê no memorado Romance Tom 2.<sup>o</sup> de pag. 7 — 13. — O Quadro 8.<sup>o</sup> precipita a acção monstruosamente. Agobar apparece derribado da sua fortuna, assassinado, foragido, e não se vê, nem sabe, senão quasi adivinhando-a, qual a causa que produziu esta catastrophe. Assim mesmo a Scena 9.<sup>a</sup> acha-se em Arlincourt de pag 148 — 149. Todavia é curioso ver como um Soldado Sargaceno, que salva o seu general, e o transporta nos braços até o montar de sobre o cavallo, se compara a Enéas, salvando por entre as hostes gregas o velho Anchises! — Tambem já na Scena 3.<sup>a</sup> do Quadro 6.<sup>o</sup> é digno de nota o cumprimento que o Principe das Avernas faz prostrado aos pés d'Egilda: eil-o! — « Princeza, permite que o teu mais humilde servo te beije a mão. — »!!! — Nas antigas Comedias taes expressões eram frequentes: hoje movem riso. O Quadro 3.<sup>o</sup> pode ser avaliado em grande parte como o trecho de um Sermão sem sabor, que gela o sentimento. Egilda é o pregador, e o caracter desta princeza, nunca bem definido, se torna quasi tão contradictorio como o de Agobar, que varia, não como se compadece com a natureza das cousas, porém á medida do capricho, ou da necessidade em que o A. presumiu acabar-se. O Romance de d'Arlincourt, de pag. 185 — 191, e de pag. 259 — 266 deu ainda materia para o todo deste Quadro; mas é certo que, assim como o exemplo de Cesar [!] proposto por Egilda ao temeroso Agobar, e a lição da historia, que a mesma princeza lhe recommenda nada lhe aproveitou, tambem ao auctor do Drama nada, ou pouco aproveitou um assumpto tão fertile, e tambem tractado pelo Visconde d'Arlincourt.

A Commissão em vista do exposto intende que o Drama — O Renegado — não deve merecer a approvação do Conservatorio para ser admittido ás provas publicas. Lisboa no 1.<sup>o</sup> d'Agosto de 1839.

*Gonçalo Joze Vaz de Carvalho.*

*D. Joze Maria C. de Lucerda.*

*Joze Victorino Barreto Feio.*

## A DANÇA MIMICA.

### I.

#### O MONGE BENEDICTINO.

**B**averá cousa de tres seculos, em uma amena veiga toda bordada de frescas romeiras e cortada de pálidos olivêdos se assentava um rico mosteiro de monges benedictinos. Vian-dante que ao romper d'alva fosse percorrendo a costa oriental da romanisca Hispanha ouviria jubiloso o som longinquo dos lédos sinos do mosteiro tocando a matinas, e, dirigindo os passos na direcção d'esses hospitaleiros sons, pararia de assombrado ao ver na encosta de uma colina as opulentas construcções, dominadas pelas grimpas esguias da torre, brilhando aos primeiros raios do sol, e offerecendo no interior commoda vivenda a seus pacificos habitantes. Das altas e rasgadas janellas a vista se espraivava pelas relvosas ondulações dos outeiros visinhos, e pelas contornadas cimas dos bosques mais distantes, que, em capriçosos relvos, iam parar na estrada de Granada, facha pulverosa e alvacega que atravessava tão risoulhas e verdes paugagens indosse adelgagando até de todo a perderem os olhos. Grupos de figueiras, canteiros de plantações, vergeis de flores, orlavam cabanas e povoados per toda a extensão desse formoso terreno que era limittado á direita pela Alhambra, á esquerda pelas ruinas de uma fortaleza do tempo do califa Almanzor, e na frente pelo grande mar, onde as velas latinas das barcas dos pescadores se debuxavam como ricas pérolas em manto azul de regia noiva.

De manhan pela hora de matinas, e á tarde depois de vespas uma janella se abria no tópo do edificio principal, e um frade encostado em profunda meditação, ou lendo em um grande livro, ao mesmo tempo que respirava as arrobadas emanções que lhe trazia a briza do mar. Todos os camponjos das visinhanças haviam reparado nesse frade que nem um so dia do anno faltava a apparecer na sua janella favorita; não podiam todavia conjecturar qual a sua figura, pois que os muros da cerca os não deixavam assaz approximar. E quem o conhecesse não poderia julgar que tão grande uniformidade em habitos fosse obra do tempo, que era joven o monge, e formoso, ageitando-se no seu burel com toda a graça e donaire de um nobre castelhano. A vezes se lhe animava a

physiõnomia, mas logo lhe murchava em melancholica languidez; uma desgraça, ou antes duas desgraças, o haviam assaltado quando apenas tinha desoitto annos; a mãe, a amante lhe foram arrebatadas em um só dia: era em um combate de touros na capital do reino de Leão; o amphitheatro em que estavam aliuu, e a mãe e a amante foram victimas...

Pedro Ponce de Leão, tal era o nome do frade, cuidou ao principio succum ir a tão grande golpe, mas roborado o coração com uma educação religiosa resolveu retirar-se para o convento de Hispanha que, depois do Escorial, mais recursos offerencia ao espirito que em ferrêna applicação quizesse affundir saudades e tormentos. Havia um anno que Ponce de Leão habitava a sua nova e silenciosa habitação, quando lhe deram o emprego de Bibliothecario do convento por morte de um velho monge a cuja vasta erudição devia achar-se ao alcance dos grandes trabalhos dos Arabes, e das antigas chronicas da terra do Cid. — Não havia canto, por mais recondito que fosse, nas compridas galerias da bibliotheca, e qual Ponce não houvesse já esquadrihado, haurindo quantas riquezas litterarias e scientificas se amontoavam nos antigos armarios, corrigindo erros nos catalogos, prebencendo lacunas, e dando a tudo uma apparencia de ordem e acção signal, sempre certo das visitas frequentes de leitores assíduos, e do zelo sollicito do bibliothecario. A immensa collecção de livros que possuia o convento dos beneditinos occupava o primeiro e segundo andar do edificio; uma escada de madeira formada em caracol, e aonde um frade perito na arte de esculptor abria muitas figuras de sanctas e sanctos, communicava entre si os dous andares, e conduzia ás galerias superiores: per outra escada similhante á primeira subia-se a um pequeno apposento, aonde morára outr' hora o antigo bibliothecario, sendo agora a cella de Ponce de Leão.

Não seria custoso fazer uma enumeração das alfaias que adornavam a humilde estancia: o que é preciso para um homem rezar, dormir, sentar-se, escrever, eis-a-hi toda a opulencia da pequena cella, cujos quatro muros alvejavam em sua nudez, e só em um delles se via um Christo de ébano sobranceiro ao leito do monge; as vistas da larga janella eram a unica alegria do apposento aonde Pedro rezava, donde contemplava a campina, onde finalmente folheava os livros e manuscriptos de outras éras: As horas em que o frade abria a sua janella eram aquellas em que, terminados os deveres do seu cargo, ja se não devia á comunidade mas a si proprio, e taes momentos de felicidade eram esperados com a maior impaciencia. Seriam os poucos annos de Pedro

quem lhe fazia dezejar com tal ar lor esse passatempo da janella? Algum interesse mais relevante que o de uma vaga contemplação o affastaria das praticas dos outros monges, movendo-lhe sempre os passos para o seu rico observatorio? — Mas que interesse?... Era uma paixão!

Sim, uma paixão singular! Depois que Ponce entrara no convento dos beneditinos o unico alivio para seus muitos pezares era a embevecida contemplação do mar e das campinas, misturada com estudiosas reflexões; pouco a pouco a dôr acerba se foi mudando em tristura suave, ou em arrobada melancholia; e ja o monge se mantinha de saudade, porque lhe era doce recordar as graças da amante, os carinhos da mãe. Oh! como aquella era formosa, quanto prendia os olhos e o coração! Que voluptuosos meneios, que engraçadas atitudes, que ligeireza, quando dançava! E dançava ella como uma nympha, melhor do que quantas viram as mystheriosas galerias da Alhambra! Este pensamento, a que os livros arabes davam corpo e vestiam côres pelas narrações tão poeticamente exageradas das festas d'Almanzor e outros califas, este pensamento era o viver de Pedro: chegou elle a fazer uma collecção de todos esses curiosos manuscriptos que os decretos haviam condemnado ao fogo, mas que sempre haviam sobrevivido a taes decretos, e á força de saturar-se de tanta molleza, misturando-lhe sempre a figura de uma mulher adorada, chegou a crear-se um ente imaginario que sempre tinha diante dos olhos, que lhe apparecia em sonhos, em suas meditações, nos aureos frontispicios dos livros, e na campina entre as chorêas que trançavam os zagaeas ao pôr do sól. A's vezes era tão forte a illusão de Pedro, que julgava reconhecer o sangue árabe nesses grupos phantasticos; finalmente o nosso monge tinha chegado a persuadir-se que a mulher com a sua belleza, graças, e femenil agrado, estava toda compendiada na dança, e que era a dança a mais condigna moldura para engastar, realçando-os, todos os meritos e encantos da companheira do homem. Ora, deste pensamento ao amor da dança pouca distancia vác; e o frade melancholico, silencioso, grave em seus prazeres, austero nas suas devogões, estava, nada menos que, doudo pela dança: para elle era esta arte superior a todas as outras, e de bom grado daria elle toda a bibliotheca do convento, á excepção com tudo dos livros árabes que tratavam do assumpto favorito, por ver representar um baile mimico em um dos theatros de Castella,

## II.

## O BAILE MIMICO.

Mais que abastado era o convento dos benedictinos, ja pelos direitos que tinha sobre as terras circumvisinhas, ja pelas confiscações que exercia nos habitantes das aldeas que lhe eram sujeitas uma vez que fossem convencidos de heresia; a ambigão dos santos padres não se achava todavia satisfeita, e tinha-se-lhes mittido em cabeça intrigar para que o seu abbade fosse nomeado arcebispo de Granada. O rei acabava de morrer; as antigas cortes iam reunir-se na capital dos dous Reinos de Castella e Aragão; e o condestavel governava em quanto que o novo monarcha não era investido pelos nobres mandatarios do povo. O abbade resolveu partir com pompa e celeridade, afim de apressar, alardeando zelo, a nomeação com que ja contava; mas um acontecimento imprevisto veio oppôr grave estorvo aos seus designios; uma febre violenta se lhe manifestou subitamente, e ja se achavam as certas reunidas ainda o pobre abbade gemia na cama.

Forçoso foi remediar a tão funesto caso, e mandar a toda a pressa um homem activo, habil, e de confiança; o abbade escolheu Pedro Ponce de Leão, deu-lhe as instrucções necessarias, e lhe offereceu creados para o acompanharem, mas Pedro não quiz levar sequito; correu á sua bibliotheca a fechar os mais preciosos armarios, vestiu os habitos dos dias duplices, e tomando um manuscripto de Albufarrage, que tratava dos *prazeres choregraphicos dos Arabes d'Hispanha*, montou um bello palafrem todo cuberto de telizes e campainhas de cõbre dourado, e se partiu a bom trõte até desaparecer entre as ultimas colinas.

Nunca o nosso contemplativo monge se vira por ventura mais feliz, podia considerar de perto o que tantas vezes havia admirado, e agora lhe era facil reconhecer sem erro o sangue arabe em um rosto de mulher ou n'uns olhos infantis; ja podia ver dançar os camponezes, que, por desgraça, suspendiam o exercicio da querida arte logo que se appercebiam do monge que lhes vinha contra. Oh! que então Pedro franzia as sobrancelhas de impaciencia e cholera; porfim, para dar cabo de tantas emoções, ou antes, para gosar dellas sem mescela de receios, tomou em sua mente uma determinação terrivel. . . . para um frade que dezeja permanecer fiel á sua regra, e a Deus. — Irei ver um baile na cidade visinha dis-

se elle consigo, a não faltarem artistas, ou a não perder eu d'aqui até-lá este meu dezejo.

Chegou o monge á proxima cidade, a qual, se bem nos lembra, era Andujar, e cainda conservava a sua ultima determinação, bem como o manuscripto de Albufarrage que elle ja consultando a espagoes, como para reforçar suas choregraphicas intenções. Logo que se apeou na melhor estallagem entrou subtilmente a informar-se do que dezejava saber a fim de pôr em execução o seu grande projecto, e tratou de prover-se de vestidos seculares e de um chapéu de plumas para que lhe fosse possivel penetrar pelo meio da multidão sem que o tomassem por outra cousa que um simples Cavalleiro. Tudo lhe sahiu á medida dos seus dezejos, e mais de uma gentil dama desviou a manta para melhor considerar o bizarro adman e brilhantes olhos do pseudo cavalleiro. E' verdade que todos se admiravam da sua indifferença, bem como da profunda attenção com que olhava para as dançarinas e dançarinos, surrindo a qualquer gesto amoroso de uma dançarina com tanta satisfação, tanta felicidade como se escutasse o primeiro *sim* de uma mulher adorada. Muitos eram de opinião que estava doudo, mas logo conhecião o seu engano e então exclamavam: — E' sem duvida o amante de uma d'essas dançarinas —

Tinha logar o spectaculo em uma antiga mesquita do tempo dos mouros; ricas tapeçarias de escarlante pendiam nos intervallos das elegantes columnas que sustentavam os esculpidos tectos, e no fundo viam se umas donzelas de tanta formusura, que enleivavam, pela riqueza e forma de seus vestidos, pareciam as que outr' hora divagavam nos encantados jardins da Alhambra; essas donossas sylphidas pantomimavam uma scena dramatica do serallo de Boabdil, em cujo funesto fim tanto sangue jorrou junto á Fonte dos Leões.

Para que nada faltasse á realisção dos poeticos sonhos de Pedro, affigurou-se-lhe reconhecer em uma das dançarinas a physionomia d'aquella que tanto amára quando mais joven; . . . então esqueceu abbade, convento, missão, e condestavel de Castella. Não ja frade austero, mas elegante cavalleiro, em vez de continuar seu caminho ia visitar o pessoal do baile, alardear sua erudição choregraphica, assistir aos ensaios, e occupar em todas as representações o logar donde melhor podia ver a sua dança querida. Ora, os habitantes de Andujar tinham ja reparado na grande paixão de Pedro pelo baile ou pela mais linda dançarina, e uns aos outros se diziam, que talvez o gentil cavalleiro seria alguma alta personagem disfarçada, porventura um novo pretendente ao throno de Castella. O maior numero adoptou esta ultima supposição, não só porque as de-

corações e vestuários da scena eram mais brilhantes e appropriados do que antes da chegada do desconhecido, mas pelo maravilhoso que esta opinião vinha prestar a tão inexplicavel procedimento. Tomaram finalmente a peito em Andujar a solução do intrincado problêma, porque estava claro que o supposto pretendente do que menos curava era de organizar uma expedição contra seus supostos rivaes; e tanto fizeram os curiosos que chegaram a saber parte da verdade. Começaram a espalhar-se rumôres vagos, e se elles traziam a sua origem de algum indiscreto mensageiro, ou de qualquer outra causa, não sabemos nós, o certo é que o bom frade não cahiu em si senão quando viu o fundo, ábolsa que o abbade lhe dera bêm cheia de Ouro. Então é que se lembra de continuar seu caminho e cumprir a missão de que fôra encarregado; mas, pensando um pouco, viu que mais valia voltar ao convento, confessar sua culpa, expial-a, se pudesse. Decidiu-se, pois o monge beneditino a despir as luzidas vestes de Cavalleiro, e tornando a enfiar o habito e capuz, montou no seu palafrem, e eil-o ahí já deixando a cidade de Andujar com grande descontentamento de seus maliciosos habitantes.

[A conclusão no proximo Numero.]

## TOHU-BOHU,

SONHO ABPHOMETICO, LYRICO,  
PHANTASTICO &

PELO DOUTOR IN UTROQUE ICHHEIT [LEIPZIG  
E FLACHSENFINGEN].

**U**stamos em Portugal n'uma posição pouco vantajosa para a nossa litteratura: nem tam isolados dos outros que, todos entrados em nós mesmos e nas nossas coisas, sejamos originaes á força de nacionalidade; nem tanto em contacto com o movimento artistico e scientifico da Europa, que a tempo e compasso, entremos nas grandes harmonias do côro geral de civilização que de toda a parte se alevanta.

Ouvimos fallar de longe no que vai pelo mundo, e como tafulos de provincia imitámos ás cegas, exaggerámos quanto nos dizem que é moda na capital, sem vermos primeiro se nos fica bêm a moda. D'aquí a sincera devoção com que, primeiro, copiámos os Italianos, depois os Castelhanos, e por fim os Francezes.

Ha mais de um seculo que este último predomínio reina absoluto. Reagiu a litteratura do Norte sôbre a do Meio-dia, o ideal sôbre o imitativo, ou, como vulgarmente se diz, o romantico sôbre o classico, — e nós ficámos

impassiveis no meio d'essa revolução geral litteraria que corria o mundo: A Inglaterra, a Allemanha, todo o Norte estava em insurreição contra o imperio do seculo de Luiz XIV; e nós, fieis alliados, permaneciamos firmes em nossa submissão. Finalmente a propria França foi invadida, Racine destituido, Boileau dethronado, ja não existia nem o phantasma do imperio; e nós, como essas colonias longinquas dos Romanos, que obedeciam ainda aos cesares de Roma quando ja Alarico reinava em Roma, nós religiosamente nos curvavamos ainda deante da sombra de uma auctoridade que ja não existia. Para que nos chegasse a revolução foi necessario que a propria França se revolucionasse completamente. A cadeia é longa, nós tardos e remissos em receber o choque; e ja elle estava por tanto frio, quebrado, e começada a desandar a impulsão romantica em Paris, quando as suas primeiras vibrações apenas tocavam em Lisboa.

D'ahi até ridiculo parece ás vezes o nosso entusiasmo por certas innovações a quem ja viu nascer e morrer muitas d'essas coisas que tam novas se affigram aos outros.

Andâmos atrazados, essa é a verdade; andâmos atrazados em tudo. Conhecemos Lord Byron por uma descorada traducção franceza; — Scott vem-nos agnado em versões parisienses; — de Gôete sabemos o nome; de Schiler talvez nem isso; Herder é como se fosse um auctor sanscrito; e d'esses Pollacos, d'esses Hungaros, d'esses Russos tam originaes, cuja poesia lyrica, cujo theatro, cujos romances historicos são a feição mais caracteristica da litteratura contemporanea, d'esses nem os nomes sabemos.

É necessario tirar este exclusivo á litteratura franceza, abrir as alfandegas litterarias ao commercio de todos os povos, entrar em relações directas com elles, e representar, de nosso chefe e direito proprio, na grande federação da republica das Lettras, e não como vassallos de outra potencia, não como feudatarios de Senhorio estrangeiro, sem existencia propria e reconhecida.

A litteratura alleman, o seu estudo, é talvez agora o melhor e mais indicado remedio para o mal de que adoecemos. A sua originalidade excentrica será contra veneno para esta exerescencia de forma que, sejam classicos ou romanticos segundo o tempo, toda a nossa poesia absorvem, e não deixam logar para a idea: é o senão francez, exaggerado por nós, como sempre, como por todos os proselytos se faz.

Desafio que em seis obras, e dos mestres, publicadas ha vinte annos do Rheno para cá me apontem uma idea. Mas forma, formula, pannejado, bordaduras, enfeites, dourados, tapeçarias, filagranas, passementarias, bor-

dados abertos, em seda, em oiro, em brocado, em perolas, em filó, em gomma-elastica, em missanga, em froco, — eu sei ca em que mais — oh! isso é abundante e commum.

Fábrica de Paris, tafularias de Paris — como os bonitos das creanças, e os sapatos das mulheres que duram um dia, — como as luvas de Paris que duram um baile!

O Doutor allemão *in utroque jure* laureado, cujo nome está á frente d'este artigo, levantou um throno, e declarou reis do mundo intelectual, aos auctores d'essa grande coisa, desse germen do talento, d'esse primeiro centro do diamante de ingenho, *uma idea!* Gallos e Celtas, Francezes e Portuguezes, nós andamos pela mesma, temos muitas palavras; *Gallia caudicis*; disse Marcial: os mais fecundos palreiros do mundo; diz Sidonino Apolinario; falladores agradaveis, diz o philosopho Locke; mestres da eloquencia limpida e corrente; diz S. Jeronimo, *gallici sermonis nitor et ubertas*. Mas ideas! que é dellas? Se acharem mais de seis em Daguesseau, trinta em Buffon, dez ou doze em Amador Arraes, mostrem-nas ao Doutor Ichheit que lhe fica muito obrigado. Ideas! Montesquieu, o Padre Vieira, Descartes, e o Padre Theodoro, Pedro Nunes e Pascál, Gil-vicente e Cerneille rabuscaram quanto havia entre Paris e Lisboa. Depois vieram os falladores que falaram só, mas já não pensaram por sua conta. E não cuidem que faço pouco caso dos falladores agradaveis e bellos. De tal me livre Deus! Voltaire e Fontenelle, e Bocage e Filinto eram deliciosos *instrumentos de musica* para a intelligencia.

Pois este meu Doutor allemão, este tem suas *ideas*; tem, não ha dúvida. O seu espirito é cheio de bicos e reconcavos que custa a entender, mas ha muita *idea* pelo meio. Não é facil o que eu quiz fazer, desembrulha-las: mas teimei, não sei se consegui. O Doutor é a fortuna, gosta de as embuçar em véos espessos e caprichosos, de as corar, as suas ideas, de tanta cor phantastica; agoita-as no ar como vapores impalpaveis que toda a fórma tomam e nenhuma perceptivel... o homem é os meus peccados! De uma coisa está elle, sobre todas, convencido: » Que a especie humana caminha sempre, mas que nas suas viagens ora encontra boas hospedarias ora infames baiucas d'estalagens; que o progresso da civilisação é eterno, mas como o progresso de um cavallo que ora cai no atoleiro, patinha, chafurda, chega a borda, salta para a area, galopa ao sol, depois para no meio de um prado e põe-se a pastar, depois vadêa um rio, sobe um monte, e de fadiga em prazer, de prazer em fadiga, mas nunca por caminho direito, tanto anda, tanto anda, que por fim chega!! »

» Nós somos o tal cavallinho, diz o Dr.,

e passamos nossos maus bocados de estrada quando, por exemplo, chegamos ao fim de uma civilização, ao cabo de uma epocha, e queremos continuar a viagem... agora o verás: não ha estrada, guias não apparecem, a terra está toda inculta e bravia! E agora? Tudo é confusão; é o actual TOHU-BOHU, o grande sonho do meu Doutor, sobre o qual escreveu dous gordos volumes em bom allemão bem quadrado. O segundo tomo é d'este anno, vem com as folhinhas humidas ainda da prensa: se no caminho o leu um ou dous *revisteiros* de Paris, seguro ao leitor portuguez que de lá para cá somos nós, eu e o meu amavel leitor, os primeiros.

O Dr. Jehheit funda o seu systema sobre toda a casta de coisa. Affirma elle, por exemplo, que o spiritualismo, a poesia da eschola christan tem por symbolo uma grave personagem bem conhecida, D. Quixote; e que o materialismo prosaico do seculo 18, o *Encyclopedismo*, tem por contrario symbolo, o fiel escudeiro do fidalgo da Mancha, Sancho Pança de proverbial memoria. Diz o Dr. que para estabelecer a potencia cavalheresca de S. Magestade D. Quixote, foram necessarios quinze seculos; que D. Quixote destarou no decimo sexto seculo, tem ido descahindo e degenerando até ao seculo decimo nono em que estamos, e que hoje finalmente sobe ao throno Sancho Pança I. Pretende que Rabellais foi o precursor de Sancho, e que o nosso amigo Miguel Cervantes, chronista mór dos dois heroes, previu e prophetisou o que hoje succede; isto é, a inthronizaçào definitiva do *corpo* com o nome de *Sancho I.*, e a degradação excessiva da alma sob o typo de *D. Quixote*. Idea extraordinaria sem dúvida, mas que tem por ventura mais profundez e verdade do que pensarão levianos, e que o Dr. desinvolveu em um exquisitissimo e inclassificavel drama, cujo titulo é o seguinte:

#### D. QUIXOTE FEITO PAGEM, E SANCHO-PANÇA SEU AMO;

*Scenas aristophanicas que não serão representadas nunca, se não pela Companhia geral de Deus Nosso Senhor, no grande Theatro do mundo; — com um prologo.*

N. B. — Valha-me Deus N. Senhor, meu Dr. allemão, como heide eu introduzir o que tu pões na boca dos actores da Companhia geral de!... Mas emfim heide fazê-lo seja como for. Ora aqui vai o prologo que é em versos hexametros, e que verti o melhor que pude nos nossos hendecasyllabos.

Sejam indulgentes com o pobre traductor de uma poesia ironica e exaltada, e por tanto difficil e nova.

## PROLOGO.

São Aristophanes de calças pretas, luvas amarellas, chapeo redondo, luneta fincada no olho esquerdo; olha attentamente para a assembleia que é composta de Europeos de todas as edades e de todas as especies.

## ARISTOPHANES.

Bons dias, meus Senhores. — Quanta gente! Vieram das Quatro partes do universo! Alleinães que parecem quasi Francos, E os Francezes, Tudescos; são mestiços De Normando os Inglezes; Gallo e Celta, Francez e Portuguez, Hespanhol, tudo, Tudo é semi-Romano. Que embrulhada! De ingenhos mil confuso mistiforio, Fracções infindas de fragmentos pódras! Pó, cinza humana que ante mim revolves Teus remoinhos obscuros, indigestos, Sem cor, sem fé, sem vida, . . . eu vos saúdo! Compôndes um senado respeitavel! Eu que vos fallo sou, . . . fui um grande homem, Grego, . . . Aristophanes — velho Atheniense. Que de tudo zombou, não poupou nada, E a chorar, ria. — O bom povo de Athenas Co'a sua *Liberdade*, em letras grandes, Em suas moveis cadeas esculpida, Velho mancebo parvo com espirito, Divertia-me muito quando o via Coroar d'um correieiro o craneo velho, A virtude premiar d'uma rameira, E d'estas caturrices, mil. —

## SENHORES.

Vos sois melhores vinte, trinta vezes, Sois deuses todos, digo-o eu: o ingenho Entre vós é commun: quem é que o nega? Chove miudo em vós como a saraiva; Nasce-vos aos tres annos, nem precisa Desmamado, que logo vai correndo Por esses campos. Em Lisboa, oh issol Lisboa é um berço d'Hercules, um niho — Cheio de Ministretes, Doutoretas, De hommuculos capazes para tudo. Aqui pois venho, por prazer e estima [Tenho vagar agora que estou morto]. Admirar-vos — talvez tambem zurzir-vos, Que me creou para isso o papá Jove; E, meus amigos, eu heide cumprilo: O ofício dá trabalho mas não secca. Se vos der somno [e se assim for é pena]. Eu proverei; minha coragem velha A essas almas cabidas dará ânimo. Ouvi, filhos do seculo dezenove A coragem não é o vosso forte, Gostaes mais de empalhar, de pôr remendos, E assim as concessões que pede o tempo,

E os compromissos — perfida sciencia! Fraquezas; transacções, arranjos, voltas, Meiosinhos pequenos que se escondem, A tudo isso chamaes talentos da epocha! Em tudo, tudo, meus criançalhos velhos, A luz vos fere, a audacia vos faz mêdo. Ora tende-o de mim, tende-me mêdo, Que ainda ha seu prazer n'esse arripio! Quanto sei, vou dizerv'o-lo, meus caros, Não heide poupartolos, nem marotos, Nem sequer os que vós chamaes virtuosos, Bem sem-abores muita vez, — e os caros Mercadores mais reis que muitos reis.

Heide ver n'um espelho Daguerrotipo Os vãos talentos de que pondes logea Os dramas d'embutidos e esses ver-Sos de traz, suelopé, tris-trás cambados Que me parecem feitos por aposta. Talento tendes vós, coragem nada, E eu quero estimular-vos pela raiva: Meio cruel, dizeis! — Sois guapas gentes! Fracalhões! — E a passar por indulgentes! . . .

N'este tom de sarcasmo vai continuando sem piedade nenhuma o bom do Aristophanes: cai o panno do fundo que representa a cidade d'Athenas, e apparece uma vista d'estrada. O Publico, a quem o Doutor conservou a mascara burlesca do *Demos* d'Aristophanes, surge pelo buraco do ponto, e vem perguntar ao *Prologo* qual é por fim de contas o assumpto da peça. Aristophanes responde-lhe: —

[Concluc-se no seguinte n.º]

## CHRONICA THEATRAL

Neste tempo do carnaval é um tempo tam incantado, que, chegando elle, ainda as fronteas mais sombrias, mais cheias de austera severidade folgam de tomar alguma parte na alegria, que de todos os rostos ressumbra. Mas se tal acontece com os que a descuidadosa e voluvel mocidade alcunha de *gêbos*, o que será com essa mesma mocidade, que é toda esperanças.

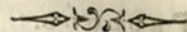
Vereis o regosijo e alegria passarem até á embriaguez, quando chega este periodo do Carnaval; todos os divertimentos parecem poucos e minguados; as folias, os bailes, as mascararas, os theatros &c. recebem á porfia estrepitosas saudações de um infinito e variado numero de concurrentes; e toda esta deversidade de passatempos é acolhida e disfructada por gente tanta que parece incrível chegar para todos; e por muita gente que parece deveria

estar cançada dos gracejos, das burlas, e das pégas, de todo o genero com que se costuma festejar a appareção do bem vindo Entrudo; e que ainda está com boas intenções de as continuar por essa noite velha.

Todavia esta ultima specie não se tem dado em o nosso Theatro Normal, pois que os seus frequentadores lhes têm guardado um respeito religioso, e têm applaudido como de costume o Peregrin o, Mr. Botte, a masella &.

Não deixa de nos parecer exemplar o procedimento dos spectadores do Theatro da Rua dos Condes; confessaremos porem com a nossa costumada sinceridade, que porventura não seria fora do proposito alguma *peça d'entrudo* ou algum concôrto de *cochichos* para ver se dava alguma graça a uma comedia, que subindo a scena em a semana do Carnaval nenhuma graça, nenhum chisti possuia, e parecia enfasiar até os mesmos actores que nella figuravam: — tal é a comedia = *O Páu de Cabelleiro* = que se representou pela primeira vez na 5.<sup>a</sup> feira 27 de Fevereiro. — Seriamos injustos se não dissessemos que o Sr. Sargedas fez quanto pôde por-se tornar engraçado; e que o Sr. Victorino continua a distinguir-se no papel de Mr. Botte A Luiza de Lignerolles foi muito applaudida.

No Theatro de S. Carlos pôde-se dizer que succedeu esta semana o contrario do que notámos em o theatro Normal, com quanto se não desse alli rasão alguma plausivel para isso. Referimo-nos, como é de ver, aos assobios, pateadas, cochichos &, com que se tornou aquelle theatro em um circo, e com que se fizeram tantas dôres de cabeça a delicadas damas, e verdadeiros *dilletanti*, a quem a musica de Belini fanatiza, e que religiosamente queriam venerar nos Puritanos, o *capo d'opera*, do *Maestro*. Nada disto aconteceu; e os assobios e os cochichos e as repetidas pateadas fizeram, um acompanhamento de ironia infernal ás sublimes inspirações do musico do coração. Todavia sejamos imparciaes como devemos e costumamos; os Puritanos foram assassinados, e seria justo que o publico o de-approvasse ostensivamente; porem não nos apprazem essas pateadas a todo o proposito, que por injustas muitas vezes, fazem que assim sejam consideradas as que são dadas com justiça. Tambem não são muito proprios do Theatro de S. Carlos os assobios e cochichos, que ainda que no Carnaval, muito pouco logar podem ter quando se representa uma obra de merito tam relevante como os Puritanos. — Della falarêmos proxivamente.



## CURSO LITTERARIO

DE

MR. MAQUIN

(4.º ARTIGO.)

Vimos que no seculo 12 a emancipação intellectual e social era prestes a operar-se ao lado e adesperto do cléro, cuja influencia se perdia por suas faltas, por seus mesmos exforços em conservala. O monopolio das sciencias e das artes passava das mãos do sacerdocio para as dos seculares; e — coiza singular! — assim como acontecêra com os pagões, as diligencias do cléro deram novo impulso á arte rival, e appressaram para os *Confrades da paixão* a posse do theatro.

Das festas burlescas o enterro a partida ou *deposição* da alleluia, e das festas dos loucos passára a egreja ou theatro hieratico para os *officios misturados* — mescla de latim e lingua vulgar: desta innovação apenas havia um passo ao drama hieratico em lingua moderna, e elle foi dado; e abre a marcha um *mysterio de Santa Catharina*, que representam seculares em um mosteiro, e os *confrades* apparecem finalmente. Estes actores singulares, cuja ousadia e importancia tam pouco até aqui hão sido apreciados estes actores eram impellidos contra a influencia sacerdotal que do sexto ao 12.º seculo dominava o mundo politico e a arte, por uma força nova inesperada invasora, que visando á conquista e direcção do mundo, se chamava — o terceiro estado, povo!

As primeiras confrarias foram estabelecidas com um fim piedoso e charitativo; reuniam-se sob a invocação d'algum santo; e uma das mais notaveis por sua immensa influencia foi a dos *franc-maçons*, ou pedreiros livres. Foi esta sociedade a que propagou o stylo *ogivico* tam distincto da architectura do systema bizantino: a esta confraria é devida a torre prodigiosa da cathedral de Straskourg.

Typ. de Luis Correia da Cunha.  
Costa do Castello N.º 15.